

# EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E PROCESSOS FORMATIVOS

**Clézio dos Santos  
Edileuza Dias de Queiroz  
Cristiane Cardoso (Orgs.)**



Nova Iguaçu  
2023

**Direitos autorais: 2023 - Autores**

Direitos de Publicação: Os autores se reservam no direito de publicar essa obra de acordo com as necessidades de suas ações profissionais, não havendo nenhum vínculo contratual entre o mesmo e a editora.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, ou transmitida de qualquer modo, ou por qualquer outro meio, seja este eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, ou outros, sem que os direitos do autor sejam preservados.

**Contato**

Prof. Dr. Clézio dos Santos

Grupo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Geografia (GEPEG)

Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO)

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

cleziogeo@yahoo.com.br

Capa: Larissa Chaves Araújo da Silva – Discente de Pedagogia IM/UFRRJ

**Conselho Editorial**

Profa. Dra. Edileuza Dias de Queiroz - UFRRJ

Profa. Dra. Cristiane Cardoso - UFRRJ

Prof. Dr. Clézio dos Santos - UFRRJ

Profa. Dra. Regina Helena Tunes - UERJ

Profa. Dra. Renata Barrocas - UEMS

**Ficha Catalográfica**

Santos, Clézio dos, Queiroz, Edileuza Dias de, Cardoso, Cristiane; (Orgs.).

*Educação Geográfica e Processos Formativos*/Clézio dos Santos – Nova Iguaçu: Agbook-PPGGEO/UFRRJ, 2023.

**Bibliografia**

ISBN 978-65-00-88161-5

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Formação de professores. I. Clézio dos Santos. II. Programa de Pós-Graduação em Geografia UFRRJ. III. Título  
CDD – 910.7

# SUMÁRIO

*Prefácio / 7*

*Apresentação / 13*

*Recursos Didáticos em Educação Geográfica/ 21*

**A GEOGRAFICIDADE NO FILME CINEMA ASPIRINAS E URUBUS / 23**

Renan Paiva

Cristiane Cardoso

**O DESENHO COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA / 39**

Jefferson Oliveira de Paula

Clézio dos Santos

**O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO MUNICÍPIO DE NOVA IGUAÇU/RJ / 59**

Jéssica Xavier da Silva

**OS FANZINES NO ENSINO DE GEOGRAFIA: OFICINA NO X FALA PROFESSOR(A) RIO DE JANEIRO 2023 / 77**

Clézio dos Santos

Jefferson Oliveira de Paula

**O MAPA MENTAL E A SUA UTILIZAÇÃO COMO METODOLOGIA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM NOVA IGUAÇU/RJ /94**

Gabrielle Victoria Ferreira de Castro

**O ESTUDO DO MEIO NAS AULAS DE GEOGRAFIA COMO UMA POSSIBILIDADE COMPREENDER O MUNDO VIVIDO / 111**

Neuzimar Inocência Valença

Cristiane Cardoso

***Processos Formativos e Práticas Docentes / 129*****ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O PROJETO EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM FOCO / 131**

Cristiane Cardoso

Clézio dos Santos

Edileuza Dias de Queiroz

**SERÁ QUE A DESVALORIZAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PODE SER EXPLICADA PELA DESVALORIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE? / 151**

Amanda de Castro Lima

Edileuza Dias de Queiroz

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NAS LICENCIATURAS: UM ESTUDO SOBRE AS MATRIZES CURRICULARES DOS CURSOS DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA NA BAIXADA FLUMINENSE / 187**

Daiane Rodrigues Luna

**CARTOGRAFIA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL EM NOVA IGUAÇÚ/RJ: ESTUDO DE CASO NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA IRAMAR DA COSTA LIMA MIGUEL / 204**

Adriana da Silva Rodrigues Fonte  
Clézio dos Santos

**ANÁLISE DA DISCIPLINA ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA, AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA NO MUNICÍPIO DE MAGÉ-RJ / 222**

Luiz Rafael Gomes  
Edileuza Dias de Queiroz

**DESVELANDO CAMINHOS: A FORMAÇÃO DOCENTE E A EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO URBANO DO RIO DE JANEIRO / 243**

Mariane Marcos

**A DISCIPLINA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO I NO PROCESSO FORMATIVO DO ALUNO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA À DISTÂNCIA DA UNIRIO/CEDERJ / 255**

Élida Ferreira dos Santos  
Gabriela Rebello Martins  
Clezio dos Santos

***Formação Docente e as ideias de Paulo Freire: A boniteza como campo conceitual / 277***

**PRIMEIRO CICLO, DE PAULO FREIRE: DO SESI ATÉ A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO / 279**

Christie de Castro Freitas

**A BONITEZA NOS LIVROS DE PAULO FREIRE APONTAMENTOS  
DOS CICLOS CRIATIVOS DE PAULO FREIRE / 288**

Patrícia Regina de Oliveira

**CICLOS DE PENSAMENTO DE PAULO FREIRE – QUARTO CICLO  
/ 297**

Isabella de Mello Leite

**BONITEZA: UM DIÁLOGO COM ALGUNS ESCRITOS DO QUINTO  
CICLO DE PENSAMENTO DE PAULO FREIRE / 303**

Jéssica de Assunção Severino

**O GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ENSINO DE  
GEOGRAFIA (GEPEG/UFRRJ): ESPAÇO FREIRIANO / 314**

Clézio dos Santos

Edileuza Dias de Queiroz

**ORGANIZADORES / 323****AUTORES / 324**

# PREFÁCIO

## PROCESSOS FORMATIVOS DOCENTES NO BRASIL: AVANÇOS E DESAFIOS

A Formação de Professores no Brasil enfrenta diversos desafios, refletindo em questões estruturais, sociais e educacionais. Alguns dos desafios mais significativos incluem: Baixa remuneração e condições de trabalho inadequadas; Desvalorização da profissão; Deficiências na formação inicial e falta de suporte e acompanhamento; Diversidade cultural e educacional e Mudanças frequentes nas políticas educacionais. Abordar esses desafios exige um esforço coordenado entre governos, instituições de ensino superior, escolas, professores e a sociedade em geral, visando promover melhorias significativas na formação e na valorização dos profissionais da educação no Brasil.

Como área de pesquisa a Formação de Professores é vasta e envolve contribuições de diversos pesquisadores e pesquisadoras, como Ken Zeichner na formação de professores e a importância da prática reflexiva; Antônio Nóvoa nos temas como práticas de ensino, políticas educacionais e desenvolvimento

profissional; Deborah Ball, contribuindo para a compreensão da prática docente e a formação de professores; José Carlos Libâneo, no entendimento da formação de professores, práticas pedagógicas e currículo escolar; Magda Becker Soares, na formação de professores na área de leitura e escrita, com ênfase em políticas públicas e práticas pedagógicas; e Nilma Lino Gomes, contribui para a formação de professores em relação às questões étnico-raciais, gênero e inclusão social. Esses e outros pesquisadores e outras pesquisadoras, têm desempenhado papéis significativos na produção de conhecimento sobre Formação de Professores no contexto brasileiro, influenciando práticas educacionais e políticas voltadas para a educação no país.

Os textos aqui reunidos nesta coletânea da área de Formação de Professores é abrangente e envolve uma variedade de temas essenciais para o desenvolvimento de profissionais qualificados. Dentre os temas destacamos: Práticas Pedagógicas Inovadoras, Tecnologia na Educação, Educação Inclusiva, Alfabetização e Letramento, Educação Ambiental, Avaliação Educacional, Educação e Diversidade, Políticas Educacionais e Estágio Supervisionado e Prática Docente. Esses temas refletem a complexidade da Formação de Professores no Brasil, abordando questões pedagógicas, sociais, culturais e políticas que são fundamentais para o desenvolvimento de uma educação de qualidade no país.

Embora as pesquisas aqui reunidas apresentem avanços, é importante reconhecer que desafios persistem, como a desigualdade regional, a falta de infraestrutura em algumas escolas e as questões relacionadas à remuneração e valorização dos profissionais da educação. O contínuo esforço na implementação e aprimoramento de políticas educacionais é

crucial para garantir uma Formação de Professores cada vez mais eficaz no Brasil.

É necessário manter uma agenda constante de pesquisa na área de Formação de Professores no Brasil, identificando questões relevantes e desafios específicos enfrentados pelo sistema educacional brasileiro. Dentre os temas da agenda destacamos: Impacto das Políticas de Formação de Professores; Formação para Educação Inclusiva; Uso de Tecnologias na Formação de Professores; Práticas Pedagógicas Inovadoras; Colaboração entre Universidades e Escolas; e Educação Ambiental na Formação de Professores. Essa agenda de pesquisa pode ser adaptada e expandida de acordo com as demandas emergentes na área de Formação de Professores no Brasil, incorporando a contribuição de diferentes disciplinas e abordagens metodológicas.

### *Formação de professores e contribuições de Paulo Freire por meio de sua obra*

Pensar sobre a Formação de Professores, embora um campo em disputas epistemológicas, teóricas e políticas, é minuciar, analisar e discutir nosso próprio ofício como práxis, ofício esse presente na maioria dos autores e autoras dessa coletânea. Em outras palavras, é um exercício (auto)formativo dar voz as diversas abordagens desses pesquisadores da Educação e do Ensino de Geografia.

Falar de Paulo Freire, nosso patrono da Educação Brasileira, é voltar o olhar para educação como mediação, diálogo, transformação, utopia e esperança. Ou seja, é cogitar outra educação muito diferente do secular modelo bancário de

transmissão/recepção de saberes e competências (muitas vezes) alheias ao contexto vivido.

Algumas questões persistem no entendimento das contribuições de Paulo Freire à Educação brasileira e mundial: Quais são suas ideias sobre educação? Quais os conceitos fundantes de sua pedagogia? Qual sua trajetória? O que podemos aprender com ele?

Por que dedicar tanta energia escrevendo e falando sobre Paulo Freire? O que há de tão importante na sua história de vida que faz com que seu legado seja tão notório? Por que é nosso dever homenageá-lo? [...] Nosso reconhecimento toca diretamente naquilo que lhe rendeu a alcunha de “Andarilho da Utopia”, pois, não importa onde estivesse ou aonde fosse, carregava consigo a esperança de poder transformar as mais distintas realidades, vividas em lugares melhores—sempre por meio da educação! (PORTO; FORTUNATO, 2022, p. 211)

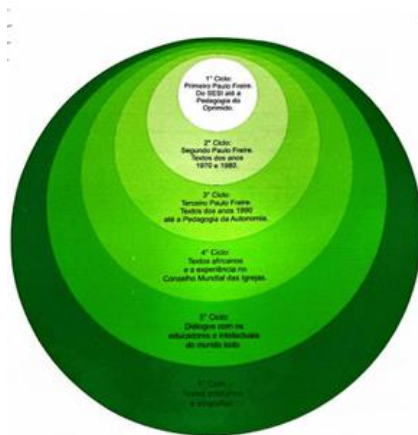
Paulo Freire ao ser apelidado de Andarilho da Utopia, é feito, pelo seu caminhar pelos lugares levando esperança de um mundo melhor por meio de uma educação crítica, inclusiva e libertadora. Ele, se preocupava com as pessoas pobres, excluídas, marginalizadas, deixadas invisíveis pela sociedade. Educar para Freire, seria um meio fundamental de incluir essas pessoas no mundo; daí a utopia. E mesmo não sendo uma forma imediata de verter a pobreza e a miséria em fartura, seria o caminho paulatino de transformação da sociedade; daí a esperança.

Com base nas contribuições do pensamento freiriano, no segundo semestre de 2023, foi ofertada sobre minha regência a disciplina *Seminário de Pesquisa V* (turma 11) no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc/UFRRJ) tendo como parte da

proposta, a leitura das obras de Paulo Freire a partir dos Ciclos do Pensamento de Paulo Freire, organizado por Dickmann e Dickmann (2017) para a semana Paulo Freire 2017, realizada de forma on-line pela editora dialogar. Veja a figura 01.

Dickmann e Dickmann (2017) divide a obra de Paulo Freire em 6 ciclos: 1º Ciclo: Primeiro Paulo Freire, Do SESI até a Pedagogia do Oprimido; 2º Ciclo: Segundo Paulo Freire. Textos dos anos 1970 e 1980; 3º. Ciclo: Terceiro Paulo Freire. Textos dos anos 1990 até a Pedagogia da Autonomia; 4º Ciclo: Textos africanos e a experiências no Conselho Mundial das Igrejas; 5º Ciclo: Diálogo com os Educadores e intelectuais do mundo todo; e 6º Ciclo: Textos póstumos e biografias.

**Figura 01.** Ciclos do Pensamento de Paulo Freire



Fonte: Dickmann e Dickmann (2017)

Assim, voltar a Paulo Freire, buscando no seu legado, na sua trajetória, nos seus ensinamentos... é voltar-se a formas de conexão com a utopia de um mundo melhor. Utopia porque não se trata de enganar a si e aos outros de que a prática educativa pelo diálogo transforma o mundo. Por isso mesmo essa prática é também uma prática de esperança, pois, se a resistência desaparece por completo, também com ela se vão as possibilidades de mudanças. É preciso esperar:

Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia (FREIRE, 1992, p. 5).

Reconhecer que a esperança é necessária e insuficiente é fundamental para se decidir se o caminho escolhido para a docência é o da convicção já estabelecida, de se seguir depositando saberes arbitrários nos estudantes, ou se a convicção é outra: tomar a circunstancialidade de cada momento educativo como oportunidade de diálogo. Minha opção, como de muitos educadores, tem sido a de tentar seguir a inspiração de Paulo Freire, seja no esperar ou na boniteza do mundo.

**Clézio dos Santos – UFRRJ**

Verão de 2023

## Referências

DICKMANN, I.; DICKMANN, I. **Ciclos do Pensamento de Paulo Freire**. In Semana Paulo Freire, Veranópolis/RS, 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PORTO, M. R. S.; FORTUNATO, I. **Educar com Freire: uma prática utópica**. Revista USP, n. 135, p. 211-214, 2022. Tradução. Acesso em: 05 dez. 2023.

# APRESENTAÇÃO

A obra **Formação Docente e Educação Geográfica**, foi organizada pelos professores Clézio dos Santos, Edileuza Dias de Queiroz e Cristiane Cardoso, do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRRJ) – campus Nova Iguaçu/RJ. A obra, reúne pesquisas de alunos/as da graduação e pós-graduação, que tem desenvolvido suas pesquisas em iniciação científica (IC), trabalho de conclusão de curso (TCC) em Geografia e em Pedagogia, dissertações e teses do Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGEO) e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Sociais (PPGEduc). Todas as atividades estão associadas ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia (GEPEG/CNPq/UFRRJ). A obra está dividida em três partes: ***Recursos Didáticos em Educação Geográfica; Processos Formativos e Práticas Docentes; e Formação Docente e as ideias de Paulo Freire: A boniteza como campo conceitual***



A primeira parte denominada ***Recursos Didáticos em Educação Geográfica***, reúne pesquisas sobre diversas temáticas, cujo destaque são os recursos didáticos voltados para a educação geográfica como elemento principal, permitindo uma rediscussão das possibilidades de uso dos diferentes recursos didáticos e suas inúmeras linguagens no cotidiano do ensino de geografia em diferentes espaços educacionais, nesta parte da obra, temos o texto de Renan Paiva e Cristine Cardoso A

GEOGRAFICIDADE NO FILME CINEMA ASPIRINAS E URUBUS, explorando a linguagem do cinema na Geografia a partir de uma obra cinematográfica ícone da filmografia nacional. A pesquisa foi desenvolvida no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGGEO/UFRRJ.

No texto de Jefferson Oliveira de Paula e Clézio dos Santos O DESENHO DA PAISAGEM DO MACIÇO GERICINÓ-MENDANHA COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA, explora a potencialidade do desenho da paisagem enquanto possibilidade de registro e discussão das representações gráficas feita por alunos do curso de licenciatura em geografia do IM/UFRRJ.

Já no texto de Jéssica Xavier da Silva O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO MUNICÍPIO DE NOVA IGUAÇU/RJ, explora as possibilidades e os recursos necessários para efetivar o ensino-aprendizagem da geografia na escola básica na rede municipal de Nova Iguaçu/RJ.

O texto de Clézio dos Santos, A MAQUETE DO CENTRO DE NOVA IGUAÇU/RJ COMO RECURSO DIDÁTICO NA FORMAÇÃO DOCENTE, apresenta uma experiência realizada no curso de licenciatura em Pedagogia do IM/UFRRJ que associa a construção da maquete do centro de Nova Iguaçu/RJ com várias atividades no intuito de ensinar a geografia da cidade para alunos do ensino fundamental básico.

Na sequência temos o texto de Clézio dos Santos e Jefferson Oliveira de Paula OS FANZINES COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: OFICINA NO X ENCONTRO ESTADUAL DE PROFESSORES(AS) DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO - FALA PROFESSOR(A) RIO DE JANEIRO 2023, o texto é fruto de uma oficina que os autores ministraram no X Fala Professor(a) Rio de Janeiro 2023 na UERJ-Maracanã, um evento

estadual que reuniu professores de professoras de geografia de todo o estado do Rio de Janeiro, um mês antes do evento Encontro Nacional de Professores(as) de Geografia no estado do Ceará, organizado pela Associação de Geógrafos Brasileiros – Seção Nacional.

No texto de Gabrielle Victoria Ferreira de Castro intitulado O MAPA MENTAL E A SUA UTILIZAÇÃO COMO METODOLOGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM NOVA IGUAÇU/RJ, autora desenvolveu essa pesquisa com mapas mentais com recurso formativo na Educação de Jovens e Adultos em Nova Iguaçu/RJ em dois momentos, inicialmente como PIBIC/CNPq e depois em seu trabalho de conclusão de curso em Licenciatura em Pedagogia, ambos no IM/UFRRJ.

O texto que encerra a primeira parte é de Neuzimar Inocêncio Valença e Cristiane Cardoso O ESTUDO DO MEIO NAS AULAS DE GEOGRAFIA COMO UMA POSSIBILIDADE COMPREENDER O MUNDO VIVIDO, as autoras recuperam e contextualizam a relevância do estudo do meio no processo de escolaridade presente.



A segunda parte da obra é denominada **de Processos Formativos e Práticas Docentes**, nesta parte reunimos pesquisas sobre diversos e diferentes processos formativos e suas respectivas práticas docentes em diferentes segmentos, seja na Educação Infantil, como Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior; em diferentes modalidades como a Educação Ambiental, o Estágio Supervisionado, a Educação Étnico-Racial, a Educação à Distância, entre outras.

A obra em sua segunda parte inicia-se com o texto de Essa parte de Cristiane Cardoso, Clézio dos Santos e Edileuza Dias de Queiroz ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O PROJETO EDUCAÇÃO

AMBIENTAL EM FOCO, neste texto é relatado de forma geral o projeto desenvolvido por uma equipe de pesquisadores, com bolsistas professores de geografia, alunos/as do ensino superior com bolsas de Iniciação Científica (IC) e alunos/as do ensino médio com bolsas de Jovens Talentos, todos com os bolsas da FAPERJ. O projeto é desenvolvido via edital da FAPERJ em três escolas de Nova Iguaçu/RJ e uma em Paty de Alferes/RJ.

Temos em seguida o texto de Amanda de Castro Lima e Edileuza Dias de Queiroz **SERÁ QUE A DESVALORIZAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PODE SER EXPLICADA PELA DESVALORIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE?** Esta pesquisa cuja temática destaca a relevância e necessidade da discussão do estágio supervisionado no processo formativo profissional de professores, a pesquisa foi desenvolvida e defendida como dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Geografia PPGGEO/UFRRJ.

Daiane Rodrigues Luna apresenta o texto **A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) NAS LICENCIATURAS: UM ESTUDO SOBRE AS MATRIZES CURRICULARES DOS CURSOS DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA NA BAIXADA FLUMINENSE**, a autora defende a necessidade da disciplina no contexto formativo que tivesse a oportunidade de discutir a EJA e os profissionais ao redor

Na sequência da segunda parte, temos o texto de Adriana da Silva Rodrigues Fonte e Clézio dos Santos **CARTOGRAFIA ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL EM NOVA IGUAÇÚ/RJ: ESTUDO DE CASO NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA IRAMAR DA COSTA LIMA MIGUEL**, a pesquisa trabalha com a relevância da cartografia escolar nas escolas da rede municipal de Nova Iguaçu/RJ com base na orientação dos documentos oficiais e metodologias inovadoras sobre a construção e o uso de mapas no ensino fundamental.

O texto de Luiz Rafael Gomes e Edileuza Dias de Queiroz **ANÁLISE DA DISCIPLINA ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRICANA, AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA NO MUNICÍPIO DE MAGÉ-RJ**, reúne numa pesquisa que resultou na dissertação de mestrado em Geografia no PPGGEO/UFRRJ sobre a criação de uma disciplina escolar específica sobre o Ensino de História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígenas no Âmbito da rede municipal de Magé/RJ, envolvendo professores e alunos sobre como a temática vem sendo desenvolvida nesta rede de ensino municipal.

O texto de Mariana Marcos **DESVELANDO CAMINHOS: A FORMAÇÃO DOCENTE E A EDUCAÇÃO INFANTIL NO CONTEXTO URBANO DO RIO DE JANEIRO** traz para discussão a relevância da formação docente na Educação Infantil na rede municipal de educação do Rio de Janeiro, a pesquisa está sendo desenvolvida com dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Sociais - PPGEduc/UFRRJ.

Encerrando a segunda parte do livro, temos o texto de Clezio dos Santos, Élide Ferreira dos Santos e Gabriela Rebello Martins **A DISCIPLINA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO I NO PROCESSO FORMATIVO DO ALUNO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA À DISTÂNCIA DA UNIRIO/CEDERJ**, os autores exploram por meio da análise de uma disciplina na área de Ensino de Geografia no curso de Licenciatura em Pedagogia em Educação à Distância da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (LIPEAD/UNIRIO), sua participação no processo formativo das/os futuras/os pedagogas/os.



A terceira parte da obra **Formação Docente e as ideias de Paulo Freire: A boniteza como campo conceitual**, trabalha a

formação docente com base nas ideias freirianas e na organização da produção do educador brasileiro e patrono da Educação Paulo Freire nos ciclos de produção, divididos em cinco, reúnem obras representativas de períodos distintos, denominado por ciclos atravessadas pelo conceito boniteza. A ideia foi desenvolvida na disciplina Seminário de Pesquisa V do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Sociais - PPGEduc/UFRRJ, ministrado pelo professor Clézio dos Santos no segundo semestre de 2023. Nesta parte reunimos quase todos os textos produzidos durante a disciplina.

O texto inicial de Christie de Castro Freitas, denominado PRIMEIRO CICLO, DE PAULO FREIRE: DO SESI ATÉ A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO, neste texto a autora recupera as principais ideias nos livros indicados por esse ciclo, retrabalhando as discussões com o momento atual. A autora desenvolve sua tese de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Sociais - PPGEduc/UFRRJ via Dinter em convenio com o Instituto Federal Goiano – IF Goiano

A segundo texto, de Patrícia Regina de Oliveira A BONITEZA NOS LIVROS DE PAULO FREIRE APONTAMENTOS DOS CICLOS CRIATIVOS DE PAULO FREIRE, enfatiza o terceiro, destacando as possibilidades da boniteza. A autora também desenvolve sua tese de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Sociais - PPGEduc/UFRRJ via Dinter em convenio com o Instituto Federal Goiano – IF Goiano

Na sequência temos o texto de Isabella de Mello Leite CICLOS DE PENSAMENTO DE PAULO FREIRE – CICLO 4, explora maioria dos livros desse período e nos convida a refletir sobre a boniteza em cada obra. A autora é professora da rede municipal de Queimados/RJ e Nova Iguaçu/RJ e desenvolve sua tese de

doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Sociais - PPGEduc/UFRRJ

Temos o texto de Jéssica de Assunção Severino BONITEZA: UM DIÁLOGO COM ALGUNS ESCRITOS DO QUINTO CICLO DE PENSAMENTO DE PAULO FREIRE, onde o pensamento e a linguagem utilizada por Paulo Freire permitem infindáveis diálogos, somados a boniteza enquanto conceito de Paulo Freire. A autora realiza mestrado em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGGEO/UFRRJ.

Fechando não apenas essa parte, mas também a obra, temos o texto de Clézio dos Santos e Edileuza Dias de Queiroz denominado O GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM ENSINO DE GEOGRAFIA (GEPEG/UFRRJ): ESPAÇO FREIRIANO, os autores apresentam as atividades desenvolvidas pelo GEPEG/UFRRJ/CNPq dentro e fora dos muros da Universidade.



A obra **Formação Docente e Educação Geográfica**, reúne uma grama de pesquisas desenvolvidas por alunos/as da graduação e pós-graduação sobre **Recursos Didáticos em Educação Geográfica; Processos Formativos e Práticas Docentes; e Formação Docente e as ideias de Paulo Freire: A boniteza como campo conceitual** realizadas no Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino de Geografia (GEPEG/CNPq/UFRRJ).

**Clézio dos Santos, Edileuza Dias de Queiroz e Cristiane Cardoso**

Organizadores

Nova Iguaçu, dezembro de 2023



# RECURSOS DIDÁTICOS EM GEOGRAFIA E FORMAÇÃO DOCENTE





# A GEOGRAFICIDADE NO FILME CINEMA ASPIRINAS E URUBUS

**Renan Paiva**  
**Cristiane Cardoso**

O presente artigo é um fragmento da dissertação de mestrado “GEOGRAFIA E CINEMA: Uma discussão sobre as paisagens narrativas de “Cinema aspirinas e urubus” defendida por Renan Paiva, em Dezembro de 2023, pelo programa de pós Graduação em Geografia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Trata-se de uma proposta de estudos e debates da geografia humanista-cultural, buscando aproximações e percepções geográficas a partir do filme Cinema Aspirinas e Urubus (2005). O filme em questão foi o primeiro longa metragem realizado pelo cineasta pernambucano Marcelo Gomes, com um roteiro contendo histórias e memórias de sua infância e de diálogos com seu avô Ranulpho Gomes que viveu no sertão da Paraíba. Para compreendermos a essência temática do filme e firmarmos um olhar geográfico a partir da capacidade de comunicação do cinema, a “geografização” de partes do roteiro nos dará suporte para interpretarmos as ações de cada personagem pelo olhar da paisagem que se faz ativa durante todo o filme.

O filme em discussão foi produzido no estilo “filme de estrada”, trazendo como subtemas retratos de encontros, amizades e conflitos entre realidades que se criam e (re)criam ao longo da trama. Pensando em um contexto de Brasil apresentando

severas dicotomias regionais, o enredo se passa em 1942, retratando um Brasil com perspectivas modernas, em crescimento industrial, globalizado, mas também com características arcaicas, conservadoras em algumas estruturas socioeconômicas, principalmente na estrutura do sertão nordestino. Consideramos que essas alteridades trazem sentido temático ao longa, e o encontro entre dois personagens de realidades distintas nos comprovam essa afirmação: em primeiro o jovem vendedor alemão da recém instalada farmacêutica Bayer do Brasil, Johann (Peter Ketnath), que vem viajando desde o Rio de Janeiro, capital a época, e disposto a seguir desbravando as paisagens sertanejas oferecendo aspirinas nos pequenos vilarejos que passava. E em segundo, Ranulpho (João Miguel), jovem sertanejo, que é uma das pessoas que pegam carona com Johann, porém o sertanejo que perambulava passa a seguir viagem com o alemão e afirma querer ir para o Rio de Janeiro, fabulando novas vivências, pois considera o seu lugar de origem “um buraco”, “um fim de mundo”. Ambos, tem a migração como algo em comum, o Alemão que vem para o Brasil em busca de novas possibilidades e fuga de uma realidade de guerra, sofrimento, e o Sertanejo que busca migrar em busca também de novas possibilidades e fuga da seca, da fome, do atraso econômico do Sertão nordestino.

Nesse contexto de alteridade que a Geograficidade se fará presente, conceito esse de Eric Dardel (2015), nos oferece elementos para comparar a percepção da paisagem sertaneja entre Ranulpho e Johann. Como subtema do longa metragem, a migração dos personagens dita encontros e desencontros, aflições e sonhos. Logo, analisaremos de modo conveniente ao presente artigo, a capacidade de projeção, ou podemos até citar a ideia de fabulação dos personagens por novas paisagens. Essa atitude dos personagens nos aproxima da ideia de Souza (2015) que defende o conceito de “Novos Horizontes”, definido pelo autor como uma capacidade de definição de paisagens além do

alcance da visão. Com a idealização subentendida na ação, temos o futuro como o alimento dessa imaginação. Na mesma perspectiva, Besse (2014) debate a existência de um espaço tênue, inicialmente de difícil definição, pois vai do distante ao próximo, de um mundo que se apresenta em paisagem.

Após a delimitação do contexto e exposição do compromisso que temos em ofertar neste artigo, o objetivo geral que buscamos é compreender a geograficidade de dois personagens principais no filme *Cinema Aspirinas e Urubus* nas paisagens sertanejas. Complementar e integrante dessa interpretação, o entendimento do fenômeno da migração de Ranulpho e Johann também se faz presente, bem como, o entendimento do desejo por novos horizontes alimentam o desejo de novas relações re-criando novas paisagens e geograficidades dos personagens.

### **A Geograficidade de Ranulpho e Johann**

A paisagem sertaneja de “*Cinema Aspirinas e Urubus*” que envolve Ranulpho e Johann é representada com algo em passagem, uma paisagem ativa em trânsito que constrói, que narra o encontro de diferentes espaços-tempo entre os protagonistas que se dispõem à fabulação. O cineasta Marcelo Gomes representa as paisagens sertanejas através do filme como algo indeterminável, um ambiente disponível ao descobrimento do que vem à frente pela trajetória da estrada, ao que se tem adiante no curso da própria vida, a quem e o que é possível encontrar. Pode-se ser picado por uma cobra peçonhenta, como acontece a Johann, pode-se ter de cuidar do outro, o que passa a fazer Ranulpho enquanto o companheiro de viagem sofre com os efeitos do veneno de cobra por dias e noites. Pode-se receber a

notícia pelo rádio de que o Brasil declara guerra com a Alemanha, o que causa drástica mudança para o planejamento do percurso do alemão Johann, agora considerado inimigo da nação. A paisagem do Sertão nordestino é o ponto de partida para esses encontros desses dois personagens do filme. A história de vida de cada um (realidades bem diferenciadas), e as paisagens vivenciadas através do caminhão pelas estradas e paisagens nordestinas vão definindo as percepções e novas visões de mundo e perspectivas de futuro.

Para entendermos a relação que cada personagem possui com as paisagens como faremos em destaques de diálogos a seguir, temos como orientação e fundamentação das percepções a defesa do conceito de Geograficidade, avaliando o modo de vivência de cada indivíduo. Dardel expõe as seguintes ideias:

a geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de flanquear mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível. A inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou procura de novos ambientes, uma ligação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (geographicité) do homem como modo de sua existência e de seu destino (DARDEL apud HOLZER, 1998, p. 47).

Ranulpho sinaliza constante desconforto com o lugar que reside, na postura de quem desdenha da própria terra, da própria origem, das suas raízes e realidades construídas. Aponta a paisagem sertaneja do seu lugar natal como “*um buraco*”, e para as pessoas que nela vivem, refere-as como “*Esse povo*”, se pondo afastado daquela vivência, ele diz ao referir-se em determinado momento aos sertanejos. Ao ser questionado por Johann – “*Esse povo que o senhor está falando, o senhor também faz parte dele, não é?*” – Ranulpho responde com um semblante de algo irrefutável e um gesto um “*mais ou menos*”. Um meio termo; em verdade, é ainda uma indecisão, uma ambigüidade na

constituição da identidade de Ranulpho. O discurso de uma paisagem sertaneja como sinônimo de atraso, como ambiente antiquado, do sertanejo como povo “*mesquinho, do tempo do ronca*” aparece constantemente na fala de Ranulpho. A relação dele com o lugar é de negação, resistência ao pertencimento, ênfase na própria estranheza em relação aos outros habitantes. Ele reclama da seca, da miséria, do atraso, a paisagem sertaneja é um mundo de penúria para Ranulpho, mas é outro para Johann, diferença exposta quando o sertanejo pergunta ao alemão: “*O que é que o moço acha de interessante num lugar tão miserável como esse?... Aqui é seco e pobre*” – ao que Johann responde: “*Mas pelo menos não caem bombas do céu*”. Era com relação à própria terra que Johann sentia desconforto, refletido também em medo, temendo pela própria vida, e desbravar o Brasil como estrangeiro era para ele já uma realização e uma sobrevida ao que se passava na Alemanha de 1942.

No ato de pôr-se em movimento, afastado da guerra, pode-se encontrar uma crença maior nas possibilidades de segurança da vida, alimentada pelo que há de dinâmico no trânsito, no descobrir de outros lugares, na chance de encontro de outro mundo. O sertão é, para Johann, a segurança diante do perigo da guerra, numa leitura mais assertiva, mas é também abertura à descoberta, a um mundo em que se pode acreditar. Ambos tem em comum a negação ao seu lugar de origem (Alemanha e ao próprio Sertão). Ambos tem a migração como perspectiva, um efetivamente vivendo o novo e construindo as relações com o lugar, e o outro como um desejo de melhorar a sua qualidade de vida a partir de estereótipos produzidos sobre a grande cidade e suas possibilidades.

Sobre a relação de pertencimento que observamos na passagem relatada acima, temos a ação dos personagens ao encontro das relações de sensações de pertencimento e

envolvimento com a paisagem, fato este que Relph descreve como um ato de colorir e ser colorido pelas experiências geradas pela paisagem, pois o homem é quem possui a capacidade de unir os elementos que a compõe e dar significados (RELPH, 1979, p. 1-25) Besse (2014) classifica situação similar como “*ordem da experiência vivida, em termos da sensibilidade*”. Vemos que Besse atribui um entendimento para a paisagem como uma experiência imediata do espaço, totalmente descoberto as sensações humanas. O próprio Besse, classifica essa sensação como “*a autenticidade e verdade do saber geográfico*” (BESSE, 2014, p. 76). Ainda com o autor, a paisagem precede toda orientação e referência e, por ser essa ausência de totalização, é a experiência da proximidade das coisas (BESSE, 2014, p. 76). Sendo assim, o próprio homem é responsável pela ligação dos elementos da paisagem, não havendo critérios predeterminados, pois para Besse o ato de sentir delimita a paisagem.

As passagens do filme citadas, trazem um comportamento ambíguo entre os personagens nos leva a pensar mais ainda na base conceitual da categoria que escolhemos para debater e fundamentar esta pesquisa. Quando notamos o comportamento de Johann e Ranulpho, entendemos que a paisagem vai além do olhar, nos remete a maneira, a forma como vivemos. Nesse contexto vamos a fundamentação central deste artigo, ao trazermos e exaltarmos as falas de Dardel: “*a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, [...] manifestação do seu ser com os outros, base do seu ser social*” (DARDEL, 2015, p. 32). Seguindo esta concepção, Besse afirma a busca por uma nova definição de paisagem, que seja capaz de contemplar a compreensão da presença humana. Trazemos a seguinte passagem do autor:

Então, se a paisagem corresponde à nossa implicação no mundo, isso significa que ela não está longe de nós, no horizonte, já que, ao contrário, ela está próxima, que estamos em contato com ela, que ela nos envolve por assim dizer. Pode-se até chegar a dizer que é esse contato, esse conjunto de contatos com o mundo que nos rodeia, em suma essa experiência corporal, que faz a paisagem (DARDEL, 2015, p. 32).

### **Migração, a ruptura do “ser-lugar”**

O fenômeno da migração é comum no cotidiano das sociedades a muito tempo, mas o que nos desperta interesse é expor uma construção da ideia do que é ser migrante pelo olhar perceptivo que se constroem em “Cinema Aspirinas e Urubus”. A investigação impera o desejo de pensar a migração na forma como este é vivido e presenciado por seus agentes, sendo a consideração da experiência vivida, a geograficidade de cada personagem é nosso objetivo, que trataremos a partir da ideia de condição existencial (MARANDOLA JÚNIOR, 2013). Para entender a mobilidade dos personagens, a materialidade da paisagem sertaneja, a vivência social e os estímulos gerados nos fazem entender os desejos e crenças de Ranulpho e Johann. Para iniciarmos as discussões sobre o ato da migração, temos que citar o abandono do lugar ou até a negação dele, pois como Ranulpho, sua visão é de negação, afastamento, repulsa ao que vivencia. Essa sensação tida por Ranulpho nos apresenta ao mesmo tempo a concretização do ato de migrar. A afirmativa que fazemos vai de encontro ao que sinaliza Marandola Jr apontando para a distensão da ligação entre o que classifica como “ser-lugar” natal, conceito que retrata uma lógica de pertencimento, uma construção sociocultural, uma condição íntima de ligação do indivíduo. Esse ato segundo o autor é um abalo na segurança existencial e na

identidade territorial que precisa ser compreendida como elemento central do processo migratório.

Desprendendo-se do lugar, o processo de ruptura das raízes iniciado pelo movimento migratório para acontecer, e em termos existenciais, pela alteração da territorialidade sendo consolidada. A ação de alteração modifica esta relação originária e identitária com o lugar, saindo do lugar-natal, o que implica deixar os lugares de construção dos laços afetivos, responsáveis pela nossa formação enquanto pessoa e sobre os quais está edificada nosso vínculo e parte da nossa herança sociocultural, aponta Marandola Júnior (MARANDOLA JÚNIOR; DAL GALLO, 2010). Permanecendo ainda com o autor e suas contribuições pelo fato aqui abordado, Marandola Júnior implica que o ato de sair dos territórios de segurança e lançar-se no mundo, em lugares desconhecidos de pouca ou nenhuma familiaridade, onde há pouco ou nenhum controle, projetam-se as raízes da insegurança.

A discussão de Marandola Júnior se aproxima das raízes consolidadas por Johann e Ranulpho nas paisagens do sertão nordestino, sendo este o que podemos considerar como o “ser-lugar” de ambos. O lugar que interage com eles através das suas paisagens, criando e narrando suas relações. É na caatinga árida, a superação de adversidades no caminho, a solidariedade e atenção dos sertanejos criam e recriam as afetividades que carregam ao longo da perambulação que fazem. Se movimentar, migrar é a alternativa de novos encontros e abertura de possibilidades para uma nova vida. Para Ranulpho e Johann, experimentar rupturas/ quebra de laços são garantias de uma sobrevivência, mesmo em caminhos opostos ao que crêem ou a trajetória a ser seguida.

No processo de ruptura, a ação de ressignificação requer um dinamismo dos indivíduos na condição adaptativa para a decisão tomada. Mas, Marandola Jr sinaliza uma característica

peculiar ao processo similar ao luto, a sensação de perda. O autor notifica a existência de relatos em bibliografias clínicas e antropológicas de relatos migratórios, associados a desorientações, estresses e incertezas relacionados à mudança. O autor continua argumentando que o local de destino representa uma nova realidade para o migrante em termos tanto culturais quanto espaciais (MARANDOLA JÚNIOR; DAL GALLO, 2010, p. 410).

Ainda sobre os efeitos da ruptura, vemos que o ato de migrar provoca a necessidade de desenvolver novas relações com o espaço ou como já mencionamos com Dardel, novas geograficidades. Migrar pode ser comparado a um salto rumo ao desconhecido, por isso, a desestabilização da ligação essencial ser-lugar causa um abalo na segurança existencial e identidade territorial do migrante, que tem de enfrentar um desencaixe espacial e construir novas relações com o lugar. Isso torna o indivíduo vulnerável e suscetível à angústia e ansiedade, impondo a necessidade de enraizar-se no lugar de destino, ou de manter os vínculos com o lugar natal, apesar de ter migrado. A segurança existencial e a identidade dependem de a pessoa estabelecer e cultivar laços com o lugar e também com a paisagem, envolvendo-se em uma construção cultural constante moldadas pela interação entre as dinâmicas sociais e identitárias, assim como as características físicas do ambiente (MARANDOLA JÚNIOR, 2008). Segundo Cardoso (2008, p. 32) “as pessoas respondem ao mundo baseadas em suas vivências”. Assim, parte das novas relações estabelecidas com os lugares parte do que é experimentado por cada indivíduo na sua trajetória.

Notamos na discussão de Marandola Júnior, a construção conceitual do ato migratório, está paralelamente relacionada ao que construímos até então sobre as percepções e realidades de sertão nordestino para Johann e Ranulpho. Como já mencionado,

a herança histórica orienta a geograficidade de cada indivíduo. Os lugares em que se vive ou viveu são responsáveis pela constituição de sua maneira de ser, assim como garantem a continuidade desse ser, baseada na experiência. Por meio da percepção, sensação, cognição, representação, imaginação e outros mecanismos de ação despertado pelos sentidos, Marandola Júnior. Aponta a condição de evolução do ser-lugar para lugar-ser se constituindo. A experiência tem função fundamental, e o espaço da experiência tem como meio o corpo, grande mediador dessa relação (MARANDOLA JÚNIOR; DAL GALLO, 2010, p. 412).

Não há um sentido único para o sentimento de estar/pertencer a um lugar, as pessoas desenvolvem formas diferentes de agir frente às dificuldades encontradas no local em que vivem, diante da sua situação socioeconômica e em função da sua vivência individual, coletiva e/ou geográfica (SILVA, 2002).

### **Novos horizontes para Ranulpho e Johann**

Os encontros e desencontros ocorrem dentro e também fora da cabine do caminhão e que se processam relações entre mundos distintos entre Ranulpho, Johann e os personagens que aparecem interagindo com os dois ao longo do filme. Uma percepção tirada ao senso comum durante a evolução do filme, vai sendo o encontro do arcaico com o moderno, das novidades trazidas pelo viajante (da “cidade grande”) com os habitantes das pequenas cidades (todas no contexto do sertão nordestino). Resgatando a passagem que aqui já exploramos, na sessão noturna em um pequeno povoado, o cinema é um exemplo de modernidade viva que se desloca da rotina das pequenas comunidades sertanejas; o medicamento milagroso ofertado,

visto como o “*fim de todos os males*”, como é vendida a aspirina, também insere elemento novo; a propaganda, sua linguagem, suas promessas, os mundos que cria, é tudo uma ponte que se dissocia do regime de temporalidade habitual daqueles sertanejos. O mundo moderno parece um dado inquestionável e irrevogável nas imagens exibidas a céu aberto nas pequenas cidades, uma anunciação à saída do atraso.

Não parece à toa que justo a cidade buscada como destino por Johann ao longo de boa parte do filme chama-se Triunfo, clara alusão ao desejo de progresso. O discurso do progresso entra aí pela mediação de homens que se empolgam com a presença do estrangeiro e de suas ferramentas, no entusiasmo com os contatos com um mundo novo. Será possível, mais adiante, pensar essas relações numa chave que remonta ao mito desbravador do período de colonização, ao contato entre culturas e povos distintos. O que interessa, por enquanto, é o tensionamento arcaico/moderno operado nos encontros de Cinema Aspirinas e Urubus. Na possibilidade de migrar mundos instaurados pelo filme, o sertão já não é mais isolado, pois para ele dirigem-se diferentes linhas de força, nele se relacionam distintas temporalidades. Ainda que Ranulpho reitere a miséria e o atraso, há novas variáveis que vão se acumulando na sucessão de imagens, na passagem operada pelos fluxos do filme.

Vemos que Marcelo Gomes se dedica em construir uma história se aventurando nos elementos que compunham um sertão de misturas, em que novas e antigas práticas convivem, em que a tradição permanece, mas manifestada sob novos aspectos. Na estética de Gomes ouvem-se em Cinema Aspirinas e Urubus canções da própria época, numa textura sonora de rádio antigo, o regime imagético é outro, mais atento à espera, à observação, a situações puras em que se intensifica a dimensão mesma do tempo. Destacamos também o tratamento dos personagens com